

## Vidas Militarizadas: entrevista com Gizele Martins

*Militarized Lives: interview with Gizele Martins*

*Vidas Militarizadas: entrevista con Gizele Martins*

Maria Clara Dias<sup>1</sup>

**Resumo:** Maria Clara Dias, professora de ética e filosofia política e coordenadora do Núcleo de Inclusão Social da UFRJ, entrevista Gizele Martins, jornalista, comunicadora comunitária, ativista da luta antirracista, da luta contra a militarização da vida, defensora dos direitos humanos e da causa palestina. Autora do livro 'Militarização e Censura: A luta por Liberdade de Expressão na Favela da Maré', Gizele foi contemplada com vários prêmios e convidada a visitar a Palestina, o que lhe permitiu traçar um paralelo entre os processos de militarização que roubam e cerceiam vidas, tanto na Palestina, como nas comunidades do Complexo da Maré, no Rio de Janeiro e vários outros espaços do território brasileiro.

**Palavras-chave:** Gizele Martins; Palestina; Israel; Militarização; Direitos humanos

**Abstract:** Maria Clara Dias, professor of ethics and political philosophy and coordinator of the Center for Social Inclusion at UFRJ, interviews Gizele Martins, journalist, community communicator, activist in the anti-racist struggle, against the militarization of life, defender of human rights and the Palestinian cause. Author of the book 'Militaryization and Censorship: The struggle for Freedom of Expression in Favela da Maré', Gizele was awarded several prizes and invited to visit Palestine, which allowed her to draw a parallel between the processes of militarization that steal and curtail lives, both in Palestine and in the communities of Complexo da Maré, in Rio de Janeiro and several other spaces in Brazilian territory.

**Key Words:** Gizele Martins; Palestine; Israel; Militarization; Human rights

**Resumen:** Maria Clara Dias, profesora de ética y filosofía política y coordinadora del Centro de Inclusión Social de la UFRJ, entrevista a Gizele Martins, periodista, comunicadora comunitaria, activista de la lucha antirracista, contra la militarización de la vida, defensora de los derechos humanos y la causa palestina. Autora del libro 'Militarización y censura: La lucha por la libertad de expresión en la Favela da Maré', Gizele fue galardonada con varios premios e invitada a visitar Palestina, lo que le permitió trazar un paralelo entre los procesos de militarización que roban y cercenan vidas. tanto en Palestina, como en las comunidades del Complexo da Maré, en Río de Janeiro y varios otros espacios del territorio brasileño.

**Palabras Clave:** Gizele Martins; Palestina; Israel; Militarización; Derechos humanos

---

<sup>1</sup>Professora titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde integra como membro efetivo o Programa de pós-graduação em Filosofia e o programa interinstitucional e interdisciplinar de pós-graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva.

Os problemas diariamente vivenciados pelo povo palestino sempre me pareceram, guardadas as diferenças históricas e culturais, muito semelhante aos vivenciados por muito brasileiros: indivíduos privados de terra, teto e moradores de favelas, cotidianamente expostos a violências estruturais, ao silenciamento e invisibilização engendrados pelas estruturas de poder hegemônicas.

Em maio de 2021, participei de um curso sobre a Palestina, promovido pela PUC de São Paulo. Foi então que conheci a palestrante Gizele Martins, uma liderança da Maré, autora do livro ‘Militarização e Censura: A luta por Liberdade de Expressão na Favela da Maré’.

Durante sua exposição sobre a palestina, Gizele aponta para os processos de militarização que roubam e cerceiam vidas na Palestina, assim como nas comunidades do Complexo da Maré, no Rio de Janeiro e vários outros espaços do território brasileiro, onde subexistem indivíduos atravessados por preconceitos raciais, culturais e sócio-econômicos. Neste mesmo dia, encaminhei o convite para esta entrevista, então realizada no dia 8 de setembro. Gizele é uma das heroínas dos nossos tempos. Suas palavras, horam os esforços empreendidos pela elaboração desse Dossiê.

**Gizele, é uma imensa satisfação poder entrevista-la e agradeço muitíssimo por ter aceito o meu convite e por aceitar tomar parte neste Dossiê. Em primeiro lugar gostaria de pedir para você se apresentar.**

Sou Gizele Martins, 36 anos, moradora do Conjunto de Favelas da Maré, favela com população de 140 mil moradores, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Há 20 atuo como comunicadora comunitária. Integro também o movimento de favelas e ao longo desses anos venho pautando nos conteúdos jornalísticos/militantes/acadêmicos, a luta antirracista, a questão de gênero, segurança pública, militarização da vida e direitos humanos. Sou Jornalista (PUC-RIO) e Mestre em Educação, Cultura,

Comunicação e Periferias Urbanas (UERJ) e como resultado da minha pesquisa de mestrado, publiquei o livro ‘Militarização e Censura: A luta por Liberdade de Expressão na Favela da Maré’. Por causa dessa atuação na comunicação comunitária e nas diferentes temáticas, ganhei mais de 10 prêmios e homenagens. Também tive a oportunidade de conhecer diversas favelas e periferias do Brasil e inúmeros países, um destes países foi a Palestina, que tive a oportunidade de visitar em 2017. Desde então, sou apoiadora do movimento palestino.

### **Quando você teve contato com os palestinos?**

Enquanto moradora de favelas do Rio de Janeiro sempre presenciei as opressões e as violações ocasionadas pelos governos racistas e suas forças militares. Historicamente, somos tratados como os inimigos da cidade. Ao passar do tempo, a cada operação policial televisionada pela mídia comercial como um grande sucesso, eu ia até os familiares de vítimas daquelas operações e trabalhava nos meus textos a versão e visão de quem passou a ter a vida marcada por cada uma dessas violências.

Em 2014 e 2015, o Exército se instalou na Maré por causa da realização da Copa do Mundo e durante esse período, circulei inúmeras favelas, universidades, estados e outros países denunciando o que estava ocorrendo dentro da favela da Maré. Nesse período dos megaeventos, o Movimento de Boicote, Desinvestimento e Sanções (BDS), que luta pelo fim da opressão contra palestinos e pressiona o Estado de Israel a respeitar o direito institucional, se aproximou dos movimentos de favelas e de mães e familiares vítimas de violência do Rio de Janeiro. Juntos começamos a pautar a internacionalização da militarização, a protestar contra a Feira de Armas (LAAD) e outras ações sobre a desmilitarização da vida.

Após o período de megaeventos, tive a oportunidade de ir à Palestina para um encontro do movimento BDS. Lá, pude conhecer de perto as opressões que as populações palestinas sofrem em seu próprio território.

**Poderia nos falar da sua visita e de suas impressões mais fortes?**

Por um pouco mais de 15 dias circulei por: Jerusalém, Jericó, Hebron, o Campo de Refugiado Aida em Belém, Haifa, Ramallah, Nablus e Vale do Jordão. Durante esses dias que estive lá, pude ver de perto como os palestinos têm os seus direitos negados dentro do seu próprio território. O Estado israelense junto aos seus militares e empresas bélicas e de vigilância, viola todos os dias o direito à saúde, educação, habitação, transporte, circulação, água, trabalho e tantos outros direitos que a população palestina luta incansavelmente para voltar a ter. Tudo isso sob forte controle de vigilância e militar, sem contar nas estradas do apartheid e nas construções dos muros do apartheid.

**Qual o paralelo que poderíamos traçar entre as vivências do povo palestino e dos brasileiros que vivem em comunidades ou regiões marginais das grandes cidades brasileiras?**

São inúmeros os paralelos que podemos fazer da realidade palestina com a realidade das nossas populações negras e empobrecidas do nosso país. Não é igual, mas há muitas semelhanças. Pois assim como as favelas do Rio de Janeiro servem como grandes laboratórios de política da morte no Brasil, com a Palestina ocorre o mesmo, a sua população e território são grandes laboratórios de uma política de apartheid, racista e militar, e isto à nível mundial. As armas e as técnicas são treinadas nos corpos palestinos e vendidos para todo o mundo.

Outro paralelo é sobre as técnicas utilizadas lá e cá, na favela da Maré, durante a ‘ocupação’ do exército nos anos de 2014 e 2015, a cada entrada e saída das ruas das favelas, toda a população era revistada. Essa

técnica aqui é chamada ‘fichamento’. A população palestina, a cada entrada e saída dos seus locais de moradia/trabalho etc, também são obrigados a passar pelos *checkpoints*. Lugares onde os militares podem revistar, barrar (e também matar) palestinos arbitrariamente.

Muitas das técnicas militares e dos aparatos bélicos experimentados nas vidas Palestinas, são vendidos e experimentados nas favelas. Exemplo disso, são os carros blindados da polícia, popularmente chamados no Rio de ‘caveirão’. Os primeiros caveirões que chegaram para aterrorizar as vidas faveladas vieram diretamente da África do Sul, foram utilizados lá na época do apartheid. Os blindados mais recentes vieram diretamente de Israel. Outro ponto importante a ser colocado, é que durante os megaeventos, a Polícia Militar do Rio foi até Israel fazer treinamento militar, inclusive, neste mesmo período o Brasil se tornou um dos cinco maiores compradores de armas israelenses do mundo.

Além dos caveirões, há inúmeras empresas que fabricam helicópteros, câmeras de vigilância e drones, muitas das empresas atuam lá e suas técnicas são vendidas para o Brasil e para diversos outros países da América Latina. Dentre diversos outros paralelos, finalizo dando destaque ao Muro do Apartheid erguido na Palestina para separar os territórios palestinos. Aqui no Rio, durante os megaeventos também tivemos algumas favelas sofrendo com algo parecido. Na Maré há um muro separando a favela da Linha Vermelha, nós moradores da Maré chamamos esse muro de ‘Muro da Vergonha’, pois entendemos que esta é só mais uma técnica utilizada pelo governo para esconder nós pobres.

### **Que tipo de solução política você vislumbra para os palestinos e para as favelas no Brasil?**

Os palestinos lutam incansavelmente por sua terra e para que os seus direitos sejam respeitados. Eles criaram inúmeras formas de movimentos que devem ser espelho para todos nós que lutamos pelo direito à

vida e a à terra em nossos países. E, assim como as opressões estão diretamente ligadas e, sendo elas, ocasionadas pelos Estados, empresas e por militares, é papel nosso internacionalizar a resistência contra estes mesmos que nos matam e silenciam.

Acredito que o movimento BDS vem crescendo na América Latina justamente porque os coletivos que compõem hoje esse movimento criado pelos palestinos, conseguiram entender que existem vários paralelos nas formas em que são oprimidos e violados e, por isso, é tão importante estar cada dia mais pautando, denunciando, se movimentando contra tamanhas opressões.

Para terminar, digo que, por exemplo, lutar contra o caveirão na minha favela, é também lutar pelo fim do caveirão na Palestina. Lutar pelo fim das ligações bélicas entre Brasil e Israel, é defender o direito à vida nas favelas e na Palestina. Pautar o boicote acadêmico no Brasil, é defendermos que as pesquisas tenham como princípio o respeito à vida daqueles que são todos os dias violados, seja no Brasil ou na Palestina. Ou seja, a solução política para ambos territórios é que um dia sejamos respeitados, reconhecidos como aqueles que são parte de uma sociedade e não aqueles que devem ser todos os dias colocados como laboratórios de uma política de controle e da morte para benefício de empresas/empresários que querem todos os dias ter domínio de nossas terras e força de trabalho.